

[*Sentido vital e sentido orgânico*¹]

[Immanuel Kant, *Antropologia Friedländer*, pp. 491-499]

Sentido é a capacidade de representar algo tal como somos afetados pelas coisas. O sentido se distingue do entendimento. Entendimento é a capacidade de pensar, e não representa as coisas tal como somos afetados por elas, mas o que as coisas são em si mesmas.

Os sentidos são divididos em sentidos externos e sentido interno. Representamos como somos afetados pelas coisas, por sermos afetados por elas imediatamente através do corpo, ou como nossa mente é afetada por elas sem modificação no corpo. A capacidade de representar algo pelo estado da mente é o sentido interno. Os sentidos externos são divididos em [sentidos] do sentimento vital e em [sentidos] do sentimento orgânico. O sentido do sentimento vital é um só; ele se encontra ali onde encontramos toda nossa vida afetada por contentamento ou dor. Todos esses sentimentos vitais são indescritíveis; sentimos toda nossa vida afetada de certa maneira, sem precisarmos, porém, de nenhum órgão próprio para isso. — Calor e frio pertencem às sensações do sentido vital, por meio deles não sentimos objeto algum, mas sentimos a nós mesmos afetados; todo nosso sistema nervoso é acometido de calor e frio, de modo que aqui não se distingue nenhum órgão particular do corpo, mas todos os nervos sem distinção são capazes de senti-los; o que se mostra principalmente no fato de sentirmos prazer ou dor com eles.

Sentimentos vitais surgem de nossos pensamentos; o tremor, por exemplo, quando se lê que alguém adormeceu à beira de um abismo, é uma modificação do sentimento vital. Tais sensações e pensamentos requerem realmente atenção, chamam-nos de pavor, mas é propriamente um tremor, quando se sente um frio que se espalha por todo nosso sistema nervoso. Coisas desagradáveis, ligadas a terror e medo, causam-nos pavor, mas o tremor também pode surgir de representações agradáveis, por exemplo, com um espetáculo comovente ou com um objeto sublime terrível; dele se distingue o pavor, o qual sempre se refere a objetos que provocam medo, um pavor acomete o indivíduo numa representação que frequentemente lhe vem de modo inesperado ao pensamento. É assim que não se pode ler sem pavor algumas passagens do poema de Haller sobre a eternidade. — Daí também se chamar de apavorante a uma agitação tal que surge inesperadamente e rapidamente desaparece. No pavor, a sensação começa na

¹ Título do tradutor (NT).

pele e atravessa todo o corpo. Não há um órgão que seja destinado para isso, mas atinge a estrutura nervosa inteira.²

Sensações orgânicas são aquelas restritas a um órgão particular, e temos cinco órgãos, a cada um dos quais compete uma sensação particular. São eles o sentido da visão, da audição, do tato, do olfato e do paladar. É digno de nota, nessas sensações orgânicas, que algumas são mais subjetivas, outras mais objetivas. [Aqueles]³ são mais objetivas que subjetivas. Olfato e paladar são mais subjetivos que objetivos; pois, por meio deles, não observo tanto o que o objeto é, quanto sinto apenas as modificações em meu sujeito; esses sentidos nada me ensinam, apenas me afetam. Outros sentidos, nos quais represento mais o objeto que as modificações em meu órgão, são mais objetivos que subjetivos. Por certo, ambos estão sempre juntos, mas as duas representações não têm a mesma força. Na visão, tenho mais representações do objeto do que da modificação em meu olho; se, no entanto, alguém quer ver algo brilhante à clara luz do sol, ele se sentirá mais ofuscado do que vendo; aí a representação é mais subjetiva do que objetiva; mas tal como comumente vemos, somos afetados mais objetiva que subjetivamente. Igualmente quando alguém fala a meia altura, atentamos mais para aquilo que está falando do que percebemos em nossos ouvidos a intensidade da fala; quando, porém, se grita com muita força, a audição é mais subjetivamente afetada. Podemos dividir os sentidos objetivos em tato, audição e visão, porque consideramos agora o tato como uma sensação dos órgãos. Só há sensação onde há nervos. Podemos, por isso, separar do corpo os locais em que não há tato, porque não há nervo, e se cortamos um nervo, com isso cortamos o tato; pois, uma vez que com isso se impede a ligação da parte inferior dos nervos com o cérebro, nada se sente naquela parte (assim como os músculos e as fibras são os instrumentos do movimento real). Os nervos constituem, no homem o princípio de todo corpo⁴, eles se espalham sob toda nossa pele como um muco, de modo que em parte alguma se pode colocar uma ponta de agulha. Se falamos, pois, do sentimento (*tactus*) como uma sensação orgânica, entendemos por ele o sentido que perpassa todos os outros sentidos, porque os nervos estão espalhados sob toda a pele. Mas o *tactus* propriamente dito (o tateio) se encontra nas pontas dos dedos, porque ali os nervos fazem pequenas rugas, por meio das quais se produz um sentimento

² Na *Antropologia* de 1798, essas sensações farão parte dos “sentimentos corporais internos” que têm “parentesco com as afecções, mas não são afecções, porque são apenas momentâneos, passageiros, e não deixam vestígios...” Nota geral ao §79, Ak, p. 263, trad. cit, p. 161.

³ Os editores indicam, como lição possível, “todas” (*Alle*). O contexto parece sugerir uma oposição entre visão, audição e tato (por isso o “aquelas”), de um lado, e olfato e paladar de outro. (NT)

⁴ “Corpo” (*Leib*) aparece na edição Starke; “vida” (*Leben*) no manuscrito de Petersburgo. (NT)

extraordinário, isto é, o *tactus* propriamente dito, um sentido capital; pois a visão não me dá a conhecer as coisas segundo sua qualidade física. Se, todavia, é primeiramente pelo tatear que somos instruídos acerca das coisas, podemos posteriormente fazer um conceito melhor delas, já que é claro que nossos olhos representam todos os objetos numa superfície; a figura corpórea não se deixa perceber numa *camera obscura*⁵; pois, se se crê percebê-la, isso advém de que já estamos acostumados às figuras de pintura⁶ que o olho nos exhibe, de modo que cremos ver imediatamente que um corpo é esférico, embora de fato em nosso olho toda esfera se exhiba como um círculo e como uma superfície. Que isso seja certo, é confirmado por diversos experimentos. Cheselden livrou um cego de nascença da catarata; no início, este só podia distinguir coisas que também pudesse tocar; ele não podia diferenciar um cão e um gato até que os tivesse tocado. Nos quadros, sua visão parecia enganá-lo de novo de maneira inversa: pois sentia que aquilo que via como saliente era plano.

Por meio do tato obtemos o conceito da substância: um arco-íris nos parece tão sólido quanto um corpo firme. Só o tato pode decidir se algo é um fantasma ou um corpo firme; o sentido do tato, por mais que seja tido como inferior aos outros, é o mais necessário e o sentido fundamental, por meio do qual conhecemos tudo o que preenche o espaço, por meio do qual podemos diferenciar as figuras corpóreas e chegar a conceitos de muitas coisas, se pudéssemos alcançá-las com ele; é por isso também que o cego de nascença não podia compreender para que a visão lhe seria útil, uma vez que podia alcançar tudo. Só que o sentido do tato não abarca uma grande esfera, não se pode estar distante daquilo que se quer conhecer por meio dele, embora ele possa esclarecer suficientemente o seu conceito. O professor Saunderson, cego de nascença, foi um grande matemático, sabia óptica e podia até dar conceitos claros de cores, até onde a razão pode se explicar a esse respeito.⁷ O sentido do tato, portanto, é uma instrução a respeito daquilo sobre o que podemos nos esclarecer plenamente. No sentido da visão, entretanto, não podemos fornecer conceitos completos de todas as coisas. Pelo sentido do tato, o contentamento é possível imediatamente. Nele, o liso, o suave, o áspero, por exemplo, de um veludo, possibilitam fazer a diferença. Ele é o único sentido pelo qual percebemos imediatamente o objeto. Ao escutar e ver, percebemos a coisa através de um meio colocado em movimento pelo objeto pelo qual somos afetados. A audição não nos

⁵ Em latim no manuscrito. (NT)

⁶ No manuscrito, “mahlerische Gestalten”. Outra tradução possível: “figuras pictóricas”. (NT)

⁷ Segue-se aqui a lição do manuscrito de Petersburgo (“so viel sich die Vernunft daruber erklären kann”). Na edição Starke “tal como a razão” (“so wie sich die Vernunft...”) (NT)

representa a qualidade do objeto, mas um objeto. Não somos afetados pelo objeto, mas experimentamos apenas que deve haver um objeto ali, pelo qual somos tocados. Quem ouve a corneta do postilhão pela primeira vez, não pode se fazer nenhum conceito dela, mas sabe que há algo fora dele que produziu o som. Nenhum sentido divide tão fina e nitidamente o tempo quanto o sentido da audição. Com que finura a música divide o ritmo e todos os diferentes sons que se seguem uns aos outros! Cada som é uma divisão do tempo; um som que esteja uma oitava acima tem mais oscilação no ar. Fizeram-se experimentos para saber quantas vibrações do ar eram necessárias num segundo a fim de produzir a nota mais aguda e a mais grave que ainda pudessem ser tidas e também chamadas como notas. E então se descobriu que, na nota mais grave, o ar tem de oscilar trinta vezes num segundo, enquanto na nota mais alta são exigidas cinco mil oscilações num segundo. Aqui a vibração do ar produz divisões do tempo tão indescritivelmente pequenas, que dificilmente aceitaríamos isso como possível, se a observação não nos instruisse com precisão e o cômputo delas não repousasse sobre princípios seguros.

Colocamos todas as coisas no tempo e espaço; ambos são espécies [*Arten*] de nossas representações; pois, se colocamos de lado a matéria, a forma de seu nexa é de dois tipos: 1. espaço é a forma da intuição externa e 2. tempo, a forma da sensação interna. Por meio da visão, dividimos o espaço, pela audição, o tempo, não arbitrariamente, embora nossa audição tenha a capacidade para tal. Nosso contentamento com a música vem sempre da diversidade da divisão do tempo. Audição é um meio de estimular a comunicação de nossos pensamentos; pelo semblante e gestos podemos certamente comunicar nossos pensamentos a outros, mas o meio mais fácil é a audição. A língua é o órgão da fala, mas o órgão da receptividade da fala é a audição. A audição está fortemente vinculada ao sentido vital, por isso também nenhum sentido pode atuar tão fortemente sobre o corpo quanto a audição. A música age muito fortemente, e a audição tem verdadeiramente influência sobre o bem-estar do ser humano; pois tudo o que é estimulante, vivifica o sistema nervoso. Beliscar e queimar não agem como aquilo que põe o corpo em estímulo; assim também muitas pessoas podem passar sobre uma ponte instável se estão em desordem, enquanto que, se mantêm ordenadamente o passo, elas a destroem, pois então balançará tanto como se todo um aparato de artilharia passasse sobre ela. A causa é que, ao primeiro passo, ela balança um pouco, o que se reforça a cada passo. Exatamente da mesma maneira, uma nota é um movimento simultâneo de vibrações do ar, e assim ocorre que o ritmo na música põe nosso sistema nervoso em movimento e provoca uma verdadeira impressão nele. A

audição é, por isso, o sentido que tem maior influência sobre nosso sentimento vital. Fala-se de um experimento, de que porém os médicos se envergonham, porque temem ser ridicularizados, embora tenha fundamento. Sustentou-se que instrumentos musicais são um meio de expelir lombrigas. Curou-se um indivíduo infestado de lombrigas dando-lhe primeiro um laxante suave e depois um berimbau de boca, no qual tocou ao ir ao banheiro, e com isso todas as lombrigas foram embora. Bastaria, portanto, colocar um baixo nas costelas de alguém infestado por elas, que elas seriam expelidas. A causa é a seguinte: nosso canal intestinal tem alguma semelhança com as cordas musicais; por meio dos nervos, ele sofre vibrações, e se o sistema nervoso é estimulado, isso percorre todo o canal intestinal; os vermes, que são muito delgados, ficam abalados, não podendo mais suportar o ensurdecimento, e são expelidos pelos movimentos peristálticos. A satisfação e insatisfação com a música têm influência imediata sobre o canal intestinal, sobre o diafragma, conforme os estímulos sejam proveitosos ou desagradáveis à saúde.

A visão é um sentido objetivo, ou seja, represento mais o objeto que a impressão do sentido; durante uma ofuscação, porém, reparo mais no sujeito, o que, no entanto, não é agradável, por exemplo, os telhados dourados do palácio de verão em São Petersburgo ofuscam e provocam desprazer. Na visão, como sentido que diz respeito às figuras das coisas, encontramos muita semelhança com o tato; pois um raio luminoso que parte do objeto e chega a meu olho é como um bastão que parte do objeto em linha reta até meu olho, e por meio do qual eu toco a superfície do objeto. A visão ocorre, portanto, através de um meio que é posto em movimento, a saber, o raio luminoso. As cores, contudo, têm semelhança com a audição. Pode-se mostrar num monocórdio que os sete tons principais correspondem às sete cores principais do arco-íris. As sete listras coloridas do arco-íris estão na mesma proporção que os sete tons numa oitava. Por isso, um cego de nascença, a quem se descreveu a cor vermelha, disse que deveria ter semelhança com o som de uma corneta. Há, portanto, fundamentos para essa afirmação, mas não se pode esgotá-los completamente. Encontram-se indivíduos que não têm ouvido musical algum, e que ouvem o som, mas não as notas, a não ser as que são mais fortes ou mais fracas. Da mesma maneira, também há indivíduos que não tem olho para as cores. Existe igualmente uma família na Inglaterra para a qual todas as coisas aparecem como numa gravura em cobre, pois não conseguem observar nenhuma diferença entre as cores. Verificou-se que o claro e o escuro tinham para ela mais ou menos a mesma diferença que entre luz e sombra. Se, no entanto, o ser humano nada pudesse distinguir

nas cores, ele perderia muita coisa agradável; mas se puder distinguir os sons na música, ele poderá adquirir muitos conhecimentos agradáveis.

Olfato e paladar são os dois sentidos mais subjetivos que objetivos. Parecem ter certa analogia um com o outro; pois, ao cheirar coisas comestíveis, parecemos já prová-las com o paladar. Se cheiro ago, não tenho conceito da figura, nem tampouco da distância ou proximidade da coisa, o olfato diz apenas o que se passa comigo. Esses dois sentidos são sentidos por meio dos quais o objeto é fruído, e por meio dos quais é transformado na substância de nosso corpo. Todos os sentidos nos afetam por uma influência mecânica ou por uma influência química do objeto. A influência mecânica ocorre por pressão e choque, a química, por dissolução. No tato, assim como na audição e na visão, somos afetados mecanicamente; no olfato e no gosto, porém, a influência é química; pois aqui nós absorvemos o objeto e o unimos à substância de nosso corpo. Puxamos para dentro do pulmão aquilo que tem cheiro e o misturamos com os humores. Para degustar algo, é preciso tê-lo dissolvido na saliva; a influência sobre o paladar é, portanto, química, pois não saboreio o objeto antes que ele comece a penetrar nos vasos que dissolvem essas coisas. Por isso, quando apenas prova o vinho e de novo o cospe fora, o taverneiro acaba embriagado, porque ainda assim algo se incorpora a seus humores.

Muito sentido orgânico e pouco sentido vital é o estado mais feliz em que um ser humano pode se encontrar. A capacidade de conhecer objetos pelos meus sentidos é o estado mais feliz para observações; pois quanto menos a vida de um ser humano é afetada por uma coisa que ele observa, tanto mais o objeto é representado verdadeiramente. Aquele que se enche de afeto a cada música e é suscetível a cada dissonância, não será um bom observador. E quanto mais modificações sentimos em nossa vida, tanto mais esta se desgasta. A força do sistema nervoso surge de que o indivíduo é capaz de suportar muitas coisas e não é logo paradisiacamente arrebatado, o que indica nervos fracos. Encontramos, nos americanos, nervos embotados, por isso tanto o sentido orgânico como o sentido vital são fracos neles. Quando estavam sob a lanceta do cirurgião, não gritavam tanto. A delicadeza dos nervos mostra sempre que o sentido orgânico é fraco, e que o sentido vital é forte. Tais pessoas são mais fáceis de excitar, mais fáceis de abater e sempre mais fortemente afetadas.

É preciso, portanto, que a vida tenha certo grau que não seja demasiado forte. Quanto menos os sentidos ensinam, tanto mais afetam, e para que ensinem muito, têm

de afetar pouco. Olfato e paladar afetam mais fortemente, mas ensinam pouco; pois não posso conhecer, por meio deles, as qualidades das coisas. Eles, contudo, afetam com mais força, porque estão ligados à fruição. Se alguém fala alto comigo, sinto mais que minha audição é abalada, do que aquilo que se diz em voz baixa para mim. Algo multicolor afeta mais, entretanto ele nos distrai e nos torna incapazes para a verdade e observação, pois o que é gritante na cor nos desvia a certos pontos. Isso corre sobretudo quando o sentimento vital está fortemente em jogo, e nosso bem-estar é fortemente abalado, pois então somos maus observadores.